

SARA PAULINO DIAS

**Histórias Sonorizadas: Uma estratégia para
promover a expressão espontânea**



Escola Superior de Educação comunicação

2017

SARA PAULINO DIAS

**Histórias Sonorizadas: Uma estratégia para
promover a expressão espontânea**

**Relatório de Prática de Ensino Supervisionada para obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar**

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Doutora Olga Maria Teixeira Amaral Ludovico

Mestre Maria Raquel Correia



UAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação comunicação

2017

Histórias Sonorizadas: Uma estratégia para promover a expressão espontânea

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Nome

Copyright © - Sara Paulino Dias. Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e comunicação. A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

“ A música em sua diversidade e riqueza permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e
ao outro - próximo ou distante”

(Brito, 2003, p.28)

Agradecimentos

Uma caminhada marca a nossa vida quando nos faz chegar mais longe. E isso só é possível quando as pessoas que cruzam o nosso caminho nos desafiam, fazem-nos nos refletir, apoiam-nos e encorajam-nos a chegar um pouco mais além. Desta forma, quero deixar os meus sinceros agradecimentos:

- ♣ À minha orientadora, Doutora Olga Ludovico, por estar presente em toda a caminhada, pelos momentos tão ricos de partilha, mostrando-se sempre disposta a ajudar. Muito obrigada!
- ♣ À minha orientadora, Mestre Raquel Correia, por todo o apoio e incentivo tendo sempre uma palavra de encorajamento.
- ♣ À professora, Maria Helena Horta, por nos ter transmitido tantos conhecimentos que são, para mim, uma bússola no desempenho profissional levando-me a uma constante reflexão.
- ♣ À educadora, Cláudia Silva, por me ter acolhido na instituição onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada e por se mostrar sempre disponível para ajudar.
- ♣ Ao meu marido, Filipe Dias, por todo o apoio, paciência e encorajamento durante esta caminhada.
- ♣ Aos meus pais, por serem um exemplo de força e coragem, incentivando-me a concluir esta etapa.
- ♣ Aos meus irmãos, pelo carinho e por toda a compreensão nos momentos em que não consegui estar tão presente.
- ♣ Ao meu tio, Bruno Canhoto, um muito obrigada pela passagem do resumo deste relatório para inglês.
- ♣ Aos meus avós, por me ajudarem a construir materiais para a Prática de Ensino Supervisionada.
- ♣ Às minhas colegas de curso, pelo companheirismo e por cada momento de partilha.

- ♣ Às minhas amigas e colegas de curso, Ana Catarina Correia e Inês Manuel, que me acompanharam ao longo de todo o percurso e pelos momentos de partilha durante as viagens entre Faro e Portimão.

Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, numa instituição de carácter privado, na cidade de Albufeira.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que teve como principal objetivo conhecer a influência da exploração de histórias sonorizadas no desenvolvimento da expressão espontânea das crianças do grupo.

Para tal, e após conhecermos o grupo de crianças, desenvolvemos, através de uma abordagem de investigação-ação um conjunto de atividades, com objetivos específicos, que foram experienciadas com o grupo em quatro momentos distintos. Cada um destes momentos de intervenção educativa focada e intencionalizada foi marcado por um processo que contemplou o diagnóstico - a planificação - a intervenção - a avaliação - e a reflexão. Neste processo, foram de primordial importância os instrumentos de registo utilizados e os indicadores de avaliação definidos

Os dados recolhidos foram tratados qualitativamente e interpretados com base no quadro teórico que suporta o estudo.

Os resultados obtidos evidenciam que a exploração diversificada de histórias sonorizadas contribuiu para a expressão espontânea das crianças.

Inferiu-se, também, que histórias sonorizadas podem ser utilizadas como estratégia para criar uma oportunidade para o educador envolver o grupo e para promover um clima de confiança em que as crianças se expressam livremente.

Palavras- chave: Expressão espontânea, histórias, envolvimento, música

Abstract

This report was made in the scope of the “Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada / Curricular Unit of Supervised Teaching Practice”, on a private institution in Albufeira, Algarve – Portugal. This case study has a qualitative nature, which main goal was to measure the influence of sound stories in the development of children spontaneous expression.

After a careful analysis of a particular group of children from the above institution, we have developed, a research-action approach based on multiple group activities. Each activity had a specific aim, experienced in group and in four distinct moments. Each of this moments of, focused educational intervention, was based on a process that involved: Diagnosis, planning, intervention, evaluation and reflection. For this process, was extremely important the register instruments used and the evaluation marks previously defined.

All the collected data was qualitative processed and interpreted based on the theoretical support of this study.

The results emphasizes that the use of diverse sound stories have a direct influence in children’s spontaneous expression development.

With the same study, we also conclude that sound stories can also be used has a strategy to create an opportunity for the teacher to involve and embrace the group, promoting an trust environment where children feel free to express themselves.

Key-words: spontaneous expression, stories, involvement, music

Índice

Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Abstract.....	ix
Índice	x
Índice de Imagens	xii
Índice de Quadros	xii
Índice de Anexos	xii
Parte I. A prática de Ensino Supervisionada	13
Capítulo 1 – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	13
1. A Instituição	13
2. Organização do ambiente Educativo	13
2.1 Organização do espaço e materiais.....	13
2.2 Organização do tempo	14
3. Caracterização do grupo	15
Parte II. Enquadramento teórico	18
Capítulo 2 – Expressão e Comunicação na Educação Pré-Escolar	18
1. A importância da música no desenvolvimento da criança	18
1.1 A Expressão musical na educação Pré-escolar.....	20
1.2 O papel do educador	21
2. Histórias sonorizadas.....	22
3. Expressão Espontânea	24

Parte III – Estudo Empírico	25
Capítulo 3. Metodologia	25
1. Natureza do estudo	26
2. Questão de pesquisa	26
3. Objetivo do estudo.....	27
4. Participantes do estudo	27
5. Procedimentos metodológicos.....	27
5.1 Atividades desenvolvidas	28
a) Primeiro Momento/ 1ª atividade.	28
b) Segundo Momento	31
c) Terceiro Momento.....	34
d) Quarto Momento	37
5.2 Roteiro de competências por áreas de conteúdo.....	41
Capítulo 4. Análise e interpretação dos dados.....	43
Síntese do quadro	47
4.1 Síntese descritiva	48
Considerações finais	52
Resultados do estudo	52
Limitações do estudo	53
Contribuições a nível do conhecimento profissional e pessoal	53
Referencias Bibliográficas.....	55
Anexos	57
Anexo 1 História sonorizada: Pão com nozes	58
Anexo 2 História sonorizada: Uma ajuda com poucos centímetros	62
Anexo 3 A festa da Rena Miguel	67

Índice de Imagens

Imagem 1.1 – Mapa topológico da sala -----	10
--	----

Índice de Quadros

Quadro 5.1 – Primeiro momento/1ª atividade -----	25
--	----

Quadro 5.2 – Segundo momento/2ª atividade -----	28
---	----

Quadro 5.3 – Terceiro momento/3ª atividade -----	32
--	----

Quadro 5.4 – Quarto momento/4ª atividade -----	35
--	----

Quadro 5.5 – Roteiro gráfico e conceitual por áreas de conteúdo-----	34
--	----

Quadro 5.6 – Indicadores de observação/avaliação-----	41
---	----

Quadro 5.7 – Síntese do quadro de indicadores -----	45
---	----

Índice de Anexos

Anexo 1. História “Pão com nozes”-----	57
--	----

Anexo 2. História “ Uma ajuda com poucos centímetros”-----	60
--	----

Anexo 3. História “A festa da rena Miguel” -----	64
--	----

Parte I. A prática de Ensino Supervisionada

Capítulo 1 – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A minha prática de ensino supervisionada (PES) foi realizada numa instituição situada na cidade de Albufeira.

1. A Instituição

A instituição onde foi realizada a PES é um estabelecimento particular, que possui as valências de creche e pré-escolar, admitindo crianças dos 12 meses aos 6 anos de idade.

2. Organização do ambiente Educativo

Considerando, tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), que o ambiente educativo constitui um meio complexo que comporta diferentes sistemas dinâmicos, em evolução e interação entre si, constituindo uma influência para o indivíduo em desenvolvimento, não podemos deixar de fazer uma breve análise à forma como este se encontrava organizado no local onde realizámos a PES.

Tendo em conta que a organização do ambiente educativo é a base do desenvolvimento curricular, cabe ao educador refletir sobre a sua organização e, com intencionalidade, geri-lo tendo em vista o desenvolvimento da criança individualmente e do grupo em geral. É, pois, com base neste pressuposto, e porque consideramos que qualquer intervenção educativa junto das crianças deve ser contextualizada e refletida, que faremos uma breve análise a estes aspetos nos pontos que se seguem.

2.1 Organização do espaço e materiais

A sala de atividades onde foi realizada a PES é bastante ampla, muito iluminada e arejada, possuindo duas grandes janelas que ocupam toda uma parede da sala.

Em relação à sua organização, esta contempla sete áreas: a área da casinha; a área da garagem; um espaço de reunião de grande grupo; a área da escrita; a área dos livros; a área do computador; e por último, a área da pintura. Na imagem 1 é apresentado o mapa topográfico da sala de atividades.

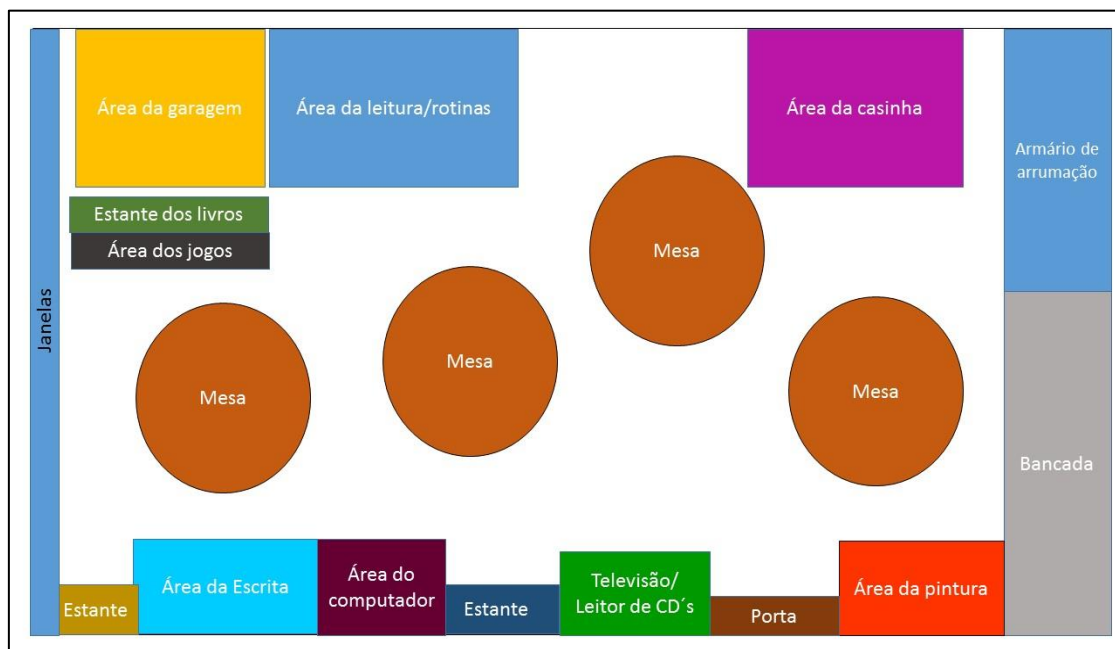


Imagem 1.1 Mapa topológico da sala

2.2 Organização do tempo

A gestão do tempo é flexível, podendo ser alterada de acordo com as atividades propostas e as necessidades e interesses das crianças. Contudo, a existência de rotinas é algo essencial para o grupo, pois permite a existência de referências temporais, e maior estabilidade e segurança, através de previsão do que vai suceder. “ A vivência de diferentes unidades de tempo permite que a criança se vá apropriando de referências temporais que são securizantes e que servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 27)

O acolhimento na instituição tem início às oito horas e trinta minutos e é feito em conjunto com crianças de outras salas na sala polivalente. Este momento permite uma interação entre as várias crianças de diferentes faixas etárias.

Às nove horas e trinta minutos cada grupo dirige-se para a sua sala com as educadoras e respetivas auxiliares de ação educativa. Segue-se o momento da marcação de presenças e verificação do estado do tempo, canta-se a canção do “bom dia” e conversa-se acerca das atividades a serem desenvolvidas. Durante a conversa, as crianças têm liberdade para fazerem as suas sugestões e darem as suas opiniões estimulando, assim, a participação ativa na planificação. Neste momento, o educador procura “ (...) acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 15)

Até às onze horas decorrem as atividades, seguindo-se a hora do lanche. O grupo senta-se no espaço de reunião de grande grupo e é distribuída a fruta e a água. Após terminar o lanche têm a liberdade de brincar. Depois da arrumação da sala, por volta das onze horas e quarenta e cinco minutos, o grupo faz a higiene e dirige-se para o refeitório.

A hora de almoço decorre entre o meio-dia e as treze horas. Depois de terminarem o almoço, as crianças regressam à sala de atividades.

No período da tarde continuam-se as atividades iniciadas durante a manhã e, após o lanche, as crianças têm tempo para brincar na sala de atividades, sala polivalente ou no espaço exterior.

3. Caraterização do grupo

O grupo é composto por vinte e seis crianças, sendo que sete têm 4 anos e dezanove têm 5 anos de idade. Estas idades são referentes a 31 de dezembro de 2016. Em relação ao género, o grupo é constituído por dezoito crianças do sexo masculino e oito crianças do sexo feminino.

As crianças são acompanhadas no dia-a-dia pela educadora e por uma auxiliar.

Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa, no entanto, cerca de 46% do grupo provém de famílias em que os pais ou, um dos pais, tem nacionalidade diferente, destacando-se as nacionalidades: chinesa, brasileira, inglesa e moldava. O nível socioeconómico das famílias pode considerar-se médio.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, 25% tem habilitações ao nível do ensino superior, os restantes têm o 12º ano de escolaridade.

No que se refere ao agregado familiar, a maioria das crianças reside com o pai e a mãe, seguindo-se pai, mãe e irmãos. Cinco crianças vivem só com a mãe e duas com a mãe e a irmã.

É um grupo muito participativo quando solicitado. Contudo, demonstra alguma necessidade de atenção e por se fazer ouvir, causando alguns conflitos durante os momentos de grande grupo. É um grupo de crianças curiosas.

No que diz respeito à área de formação pessoal e social a maioria das crianças já revela autonomia na execução das tarefas que fazem parte da rotina, bem como na hora da sua higiene. Algumas crianças demonstram atitudes muito egocêntricas em relação ao respeitar o outro, o saber escutar e no partilhar. Por haver alguma dificuldade em expressar o que sentem através da linguagem demonstram, por vezes, comportamentos mais agressivos.

Em relação à área de expressão e comunicação, no domínio da educação física, o grupo, em geral, demonstra muito interesse nas atividades físicas, revela dominar os movimentos de correr, saltar, deslizar e ultrapassar obstáculos. Por vezes, algumas crianças demonstram ainda alguma dificuldade na compreensão de regras de jogos.

No domínio da educação artística, o grupo revela maior à vontade no subdomínio das artes visuais, em comparação aos restantes subdomínios. As crianças, na sua maioria, demonstram prazer em utilizar técnicas que já conhecem, porém revelam-se um pouco renitentes quando expostas a novas situações ou novos materiais. Algumas crianças gostam de representar através do desenho objetos que veem.

No subdomínio do jogo dramático/teatro o grupo mostra pouco à vontade em se expor perante os outros. Quando assistem a dramatizações, ou mesmo em momentos de leitura de histórias, as crianças não revelam vontade de participar, a não ser que lhes seja solicitado. Esta dificuldade do grupo, em geral, em participar espontaneamente, durante este tipo de atividades, foi um dos motivos que nos levou a desenvolver esta investigação. Queríamos compreender melhor este comportamento das crianças perante as atividades relacionadas

com este subdomínio e tentar, de alguma forma, reverter esta situação, visto considerarmos ser um domínio de primordial importância no desenvolvimento harmonioso do indivíduo.

Quanto ao subdomínio da música, o grupo releva muito interesse em ouvir música, mais precisamente estilos de música que estão habituados a ouvir, nomeadamente, rock e rock'n'roll, gostam de cantar, de reproduzir sons corporais e ritmos, e identificam com facilidade os sons do dia-a-dia. Ao nível do subdomínio da dança, o grupo revela algum sentido de ritmo, no entanto, ao nível da exploração do espaço, revela algumas dificuldades.

Relativamente ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, as crianças usam a linguagem oral para expressar as suas necessidades, comunicar com o outro e expressar as suas ideias e opiniões. Gostam de “ler” livros que trazem de casa para os amigos, no entanto, não revelam muito interesse por ouvir histórias. Existem algumas crianças que ao nível da consciência linguística já conseguem identificar o número de sílabas. A maioria já consegue escrever o nome e identificar algumas letras, principalmente as que fazem parte do seu nome.

Quanto ao domínio da matemática, o grupo é bastante curioso, identifica algumas figuras geométricas, padrões e quantidades, contudo, muitas crianças ainda não identificam a escrita dos números.

No que diz respeito à área do conhecimento do mundo, as crianças têm muito interesse em saber mais sobre a temática dos animais e conseguem diferenciá-los pelas suas características. Vê-se o desejo que o grupo tem por explorar a natureza e os fenómenos naturais. As crianças revelam, também, estar muito sensibilizadas para a reutilização de recursos e o cuidado que devemos ter com o meio ambiente.

Através da observação, constatámos como aspetos a destacar em relação ao grupo em geral que:

- ❖ Mostra gosto pela música;
- ❖ Revela pouca atenção pelas histórias (lidas ou contadas);
- ❖ Alguma hesitação em envolver-se ativamente nas atividades decorrentes das histórias apresentadas;
- ❖ Uma acentuada dificuldade em demonstrar o que sente e em gerir as suas emoções.

Tendo em conta estas características do grupo, tínhamos o ponto de partida para o nosso estudo. Para prosseguir na investigação foi, contudo, necessário proceder a uma revisão da literatura, que se tornou fundamental na estruturação de todo o trabalho a desenvolver. A partir da pesquisa teórica realizada, sistematizámos o enquadramento concetual que a seguir se apresenta.

Parte II. Enquadramento teórico

Capítulo 2 – Expressão e Comunicação na Educação Pré-Escolar

A Área de Expressão e Comunicação é a única área composta por diferentes domínios, nomeadamente: Domínio da educação física; Domínio da educação artística; Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o Domínio da matemática. Todos eles se relacionam entre si e permitem à criança apreender diferentes linguagens que a ajudaram a “interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 43). Desta forma, é considerada uma área fundamental no contributo do desenvolvimento harmonioso da criança.

1. A importância da música no desenvolvimento da criança

“ A música é uma série de sons organizados através do ritmo, da melodia e da harmonia, que desencadeiam uma resposta emocional naquele que ouve. A música acompanha-nos ao longo de toda a vida.” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 657). Permitir à criança um contacto íntimo com música é dar-lhe a oportunidade de descobrir uma outra linguagem através da qual poderá sentir e se expressar.

O som está presente na vida da criança mesmo antes de ela nascer. Na verdade, o aparelho auditivo humano começa a tornar-se gradualmente funcional a partir das vinte semanas de gestação. À medida que o aparelho auditivo se vai desenvolvendo o bebé começa a mostrar

sinais de reação perante os estímulos musicais, dando-lhes respostas através de movimento, nomeadamente, através do pontapear. (Carvalho, 2011)

Depois do nascimento, as crianças continuam a reagir aos estímulos musicais. Dependendo do estilo de música, da hora do dia, do humor, podem começar a dar respostas através de movimentos, emitindo sons, ou adormecendo (Hohmann & Weikart, 2009).

Se a criança for estimulada a ter um contacto sistemático, contínuo e natural com a música, esta tornar-se-á uma linguagem para ela, uma forma de se expressar, de se conhecer a si e ao mundo que a rodeia. “Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. E, o que é mais importante, através da música as crianças são capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade ousada.” (Gordon, 2000, p. 6)

Somos seres musicais, vivemos num mundo rodeados de diferentes sonoridades, inseridos numa cultura que tem as suas características musicais próprias. Assim, tal como acontece com as diferentes áreas de conhecimento, quanto mais estimulados formos mais desenvolveremos determinada área, o mesmo acontecendo com a música. Segundo Gordon (2008), a aptidão musical na vida da criança tem o seu potencial máximo entre o momento do seu nascimento até por volta dos nove anos de idade. “ (...) Há neurónios que poderiam ser usados para desenvolver sinapses associadas com a sensibilidade auditiva para a música mas que, se não receberem estimulação, acabarão por se demitir da sua função” (Rodrigues, 2003, p. 16). Compreende-se, assim, porquê ser tão importante que a criança seja estimulada na área musical desde o seu nascimento e que vá adquirindo as noções musicais de uma forma natural, tal como adquire a linguagem. Tal como defende Gordon (2008, p.2), “ Da mesma forma que as crianças em idade pré-escolar constroem os alicerces do seu vocabulário de audição e fala (em termos de linguagem) muito antes de entrarem na escola, têm que construir os alicerces do seu vocabulário musical de audição e canto (...) muito antes de entrarem na escola.”

A criança será estimulada ao nível da sua linguagem musical quando lhe proporcionamos um ambiente musical rico, diversificado, estando exposta a exemplos musicais com diferentes características, nomeadamente, ao nível do ritmo, do timbre, da tonalidade, da métrica, entre outros constituintes da música. “Quanto maior for a diversidade dos sons de que as crianças

se apropriam, maior será o seu “reportório sonoro” e mais rica a sua imaginação.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 55). Também estamos a contribuir para o seu desenvolvimento musical quando cantamos para a criança, mesmo que ela ainda não acompanhe cantado. Mais uma vez, o mesmo ocorre com a aprendizagem da língua materna, não é pela criança não falar que não vamos falar com ela. Pelo contrário, é essencial sermos um exemplo para ela, quer na linguagem oral, quer na linguagem musical. Entoar cantos rítmicos com diferentes métricas e andamentos também contribuirá em muito para o desenvolvimento musical, bem como, explorar jogos de movimento (Rodrigues, 2003).

1.1 A Expressão musical na educação Pré-escolar

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 5) este nível educativo é considerado “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”.

A música na educação pré-escolar deve estar integrada nas rotinas diárias, sendo importante valorizar os interesses e propostas das crianças, promovendo uma prática do “ouvir”, do “fazer” música, experienciando diferentes tipos de música e ambientes sonoros (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016). A criança deve sentir-se livre e incentivada a experimentar, manipular e criar. Através da música a criança explora-se a si mesma e ao mundo que a rodeia reconhecendo-se como ser que pode ouvir, interpretar, movimentar-se, interagir. Estando a música presente nas ações e nos momentos mais comuns do dia-a-dia, a criança atribui a cada momento um significado que promove o seu desenvolvimento.

A abordagem à música no jardim de infância contempla a interligação de audição, interpretação e criação. O desenvolvimento musical da criança é estimulado quando valorizamos o silêncio para a escuta e identificação e exploração dos sons e das suas características. Para além dos sons, é fundamental ouvir músicas de diferentes géneros e estilos musicais, permitindo, também, que a criança tenha uma vivência corporal. O contacto com os instrumentos convencionais, ou mesmo criados pelas crianças, permite-lhes encontrar diferentes formas de exprimir as suas ideias e alargar a sua cultura musical.

1.2 O papel do educador

O educador de infância é um modelo e uma referência para a criança, pois estas estão constantemente a observar e a absorver cada ação, atitudes, palavra, gestos, expressão, modo de agir, ser e estar do educador. Desta forma, se torna evidente o quão importante é a atitude do educador e a sua intencionalidade educativa, tendo em vista o desenvolvimento da criança.

Cabe ao educador gerir todo o ambiente educativo da sala, o que implica, a organização do grupo, do espaço, dos materiais e do tempo. Por isso, “importa que o/a educador/a reflita sobre as oportunidades educativas que esse ambiente oferece, ou seja que planeie intencionalmente essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças (...)” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 24).

As características individuais, o género, as idades e a dimensão do grupo são fatores que influenciam todo o funcionamento do mesmo. A relação que o educador estabelece com o grupo deve ter sempre em conta, os seus interesses e necessidades, de forma a dar-lhe respostas, levando a um “ambiente securizante em que cada criança se sente bem e em que sabe que é escutada e valorizada.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 24). É fundamental que o educador escute as ideias e opiniões do grupo mas também que questione acerca das decisões a tomar. Toda a ação pode e deve ser debatida com o grupo e em grupo. Dando espaço para o diálogo haverá comunicação de ideias e, esta troca constituirá uma oportunidade de aprender a escutar, confrontar diferentes pontos de vista e, através da negociação, aprender a respeitar o outro. A participação do grupo na tomada de decisões, bem como, no estabelecimento de normas e de regras levará as crianças a um sentimento de pertença e estimulará o respeito pelos direitos de cada um, levando a um maior cumprimento do que foi determinado e negociado entre todos. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016).

As atividades em grupo assumem momentos preciosos na promoção de uma aprendizagem ativa. Exemplo disso, e enquadrado no nosso estudo, daremos aqui enfoque às histórias lidas, ou contadas. A exploração de uma história consiste numa atividade, em que o educador pode intervir de modos diversos, desde o conto, passando pela leitura ou pela representação, ou, ainda, dando às crianças a possibilidade intervirem e serem participantes ativos. Tal como defende Hohmann & Weikart (2009, p. 412), “ adotar uma abordagem de aprendizagem ativa

(...) significa desistir da noção de adulto como centro das atenções, como a “estrela” que, no centro da atuação, lê uma história.” Quando é dado espaço para as crianças falarem, se exprimirem espontaneamente e, se movimentarem, elas sentem-se parte do acontecimento, valorizadas e envolvidas. Neste caso, o educador assume o papel de mediador levando o grupo a participar na ação, questionando-os quando for pertinente e, assim, estará a estimular o sentido crítico, e a promover a imaginação.

O educador deve, no momento de contar/explorar uma história, ter atenção como se expressa“. Além dos olhos livres para auscultar a assistência, terá os gestos mais espontâneos, movimenta-se, desloca-se, vai junto de um mais alheio, acalma com uma carícia um mais impaciente; coloca nos joelhos o mais pequenino ou mais frágil. Mima a história, faz participar todo o grupo, dinamiza-o, entusiasma-o” (Gomes, 1979 cit. por Luciano, 2014, p.49). Quando se conta uma história existem alguns aspetos a ter em atenção, nomeadamente, o ambiente “É importante que o ambiente em que será realizada a narração da história possa ser pensado, organizado e planejado, a fim de que possa ser convidativo às crianças adentrarem na história proposta, contribuindo assim com a criação durante o processo de sonorização” (Werley, 2011, p. 91), as vozes das personagens, as expressões, os gestos, os movimentos, a forma como se diz cada palavra, a forma de manusear os objetos, caso sejam utilizados. Todos estes aspetos devem ser pensados para que sejam repletos de intencionalidade educativa e constituam contributos válidos para o desenvolvimento da expressão e comunicação das crianças.

2. Histórias sonorizadas

As histórias sonorizadas “possuem a capacidade de despertar nas crianças o apreço pela música, o gosto pelas próprias histórias e ainda possibilitam “viajar” na imaginação e criação” (Stefene & Weber, 2013, p. 1192)

Segundo Reys (2011), sonorizar uma história é “ tornar sonoro um enredo, ou partes dele (...) seja por meio da voz ou de objetos e instrumentos. Nesse tornar sonoro, a utilização de sons ou de melodias passa a fazer parte da narrativa” (p.63).

Uma história pode ser sonorizada através de sons que são produzidos em determinados momentos com o intuito de dar expressividade a determinado acontecimento, estimulando a imaginação dos ouvintes. A este modo de sonorizar é dado o nome de sonoplastia. Esta técnica tem como principal objetivo chamar a atenção a determinados momentos recorrendo ao uso do som.

Outra das formas de sonorizar uma história é recorrendo a canções. Em determinado momento da narração surge uma música que poderá ter como objetivo enfatizar determinado momento, sentimento, ou caracterizar uma personagem.

Também são consideradas histórias sonorizadas aquelas que são integralmente cantadas.

Para Brito (2003), quando sonorizamos uma história devemos dar prioridade ao som, sendo “preferível trabalhar com histórias não muito longas, com textos simples, que permitam que se dê atenção à sonorização” (p.163). O explorar o som leva o ouvinte a imaginar e a interpretar a narrativa que está a ouvir. A narrativa torna-se algo muito pessoal pois cada ouvinte fará a sua própria interpretação do que ouve, desta forma, o momento da história constitui um momento em que todos se envolvem e recriam o que ouvem através do seu imaginário.

“As histórias podem-se tornar um recurso para o trabalho com a música, a partir do momento em que se busca torná-las mais expressivas e sonoras” (Werley, 2011, p. 90) e, através delas, podem ser trabalhados vários conteúdos musicais, nomeadamente, a intensidade do som, a duração, os diferentes timbres para além do enorme contributo no desenvolvimento da oralidade e da expressividade. Através das histórias sonorizadas conseguimos integrar outras áreas do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento holístico da criança. Contar uma história é também estimular o desenvolvimento do pensamento simbólico.

Sendo o momento de contar uma história sonorizada tão enriquecedor, tudo o que acontece naquele espaço deve estar cheio de intencionalidade educativa, desde os gestos, à voz, ao timbre, à intensidade, aos objetos utilizados, à expressão corporal e facial, cada gesto, cada respiração, cada momento de suspense, de silêncio, cada sorriso, cada olhar, tudo deve ser intencional pois o momento da história é um momento de todos os que estão presentes e, o

momento, em que são estabelecidos vínculos afetivos de cumplicidade e de confiança (Girardello, 2007 cit. por Reys, 2011).

3. Expressão Espontânea

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa (1994, p. 48) a palavra “espontâneo” provém do latim *spontaneus* e significa “que se faz voluntariamente; que não é forçado (...)”. Quando nos referimos à expressão espontânea referimo-nos à ação voluntária da criança perante as situações e, apesar de não termos influência direta, pois a espontaneidade não é forçada, é necessário que o educador tenha em consideração alguns aspetos, nomeadamente, a motivação que leva ao envolvimento/implicação e gera interesse e o domínio de competências.

A motivação é o que leva a pessoa a agir e desenvolver-se. Devido às necessidades ou interesses, são gerados impulsos que irão desencadear determinados comportamentos. Podemos considerar que a motivação se traduz nesses impulsos que levam à ação. Para que haja motivação é necessário que existam condições sociais, biológicas e emocionais. Segundo Mizuno (2011 cit. Por Pereira 2011), a motivação é uma das dimensões psicológicas mais importantes na área da educação e pode ser classificada como intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca é o impulso que vem do sujeito e o que o leva a agir de determinada forma apenas pelo prazer que esta lhe proporciona, enquanto a motivação extrínseca é aquela que provem de incentivos externos associados ao resultado de determinada ação. Sendo a motivação um fator fundamental para o desenvolvimento da criança, cabe ao educador estar atento às condições que envolvem a criança, organizar o ambiente educativo de forma a que este seja rico em oportunidades educativas e potenciador de motivação, bem como, encontrar estratégias motivacionais que levem ao envolvimento da criança. Através das estratégias motivacionais, que correspondem a uma motivação extrínseca, o educador poderá estar a estimular o gosto da criança por algo. Com tempo e de forma espontânea, a criança poderá revelar uma motivação intrínseca por esse mesmo gosto. Estar envolvido é mais do que participar. Para estar envolvido é necessário um comprometimento, é fazer parte, é estar implicado em toda a ação. Quando as crianças estão envolvidas sentem que fazem parte de algo e sentem-se responsáveis pela ação. Envolver as crianças faz com que elas ganhem

interesse estejam atentas e empenhadas, pois em qualquer momento podem intervir. Estar interessada e atenta leva a criança a estar focada no que está a acontecer, os seus sentidos estão a vivenciar o momento e o seu raciocínio encontra-se em ação. Em qualquer momento a criança, de forma espontânea, poderá expressar-se.

O outro fator que consideramos importante, no que diz respeito à expressão espontânea, é o domínio de competências isto é, colocar o saber em ação. Possuir determinadas competências é mais do que saber, implica colocar esse saber em ação. Estes saberes referem-se à capacidade de gerir atitudes, sentimentos e estar predisposta para determinada situação, bem como, em dar respostas que coloquem os conhecimentos/saberes em prática.

Cabe ao educador encontrar estratégias que estimulem a aprendizagens e assimilação de conhecimentos e saberes. Segundo Bruner (1966 cit. por Marques, 2002), as aprendizagens devem ocorrer de forma encadeada, partindo do simples para o complexo “ qualquer ciência pode ser ensinada, pelo menos nas suas formas mais simples, a alunos de todas as idades, uma vez que os mesmos tópicos serão, posteriormente, retomados e aprofundados mais tarde.” (p.5) Este conceito foi defendido pelo autor e é denominado como conceito de aprendizagem em espiral. Tudo deve estar interligado e as aprendizagens que a criança vai fazendo devem relacionar-se com aprendizagens já assimiladas e levá-la a descobrir outras, tudo de forma encadeada.

Em todas as atividades que foram realizadas, nas diferentes fases do nosso projeto, procurou-se desenvolver o currículo em espiral, interligando todos os momentos e partindo sempre do simples para o complexo.

Parte III – Estudo Empírico

Capítulo 3. Metodologia

“ A metodologia (...) está relacionada com os laços que existem entre o que queremos saber e os caminhos a trilhar para lá chegar, clarifica o modo como o curso da pesquisa é determinado pela natureza dos questionamentos de partida e pelos fenómenos em estudo.” (Augusto, 2014)

Segundo Fortim (1996), a investigação científica leva à aquisição de novos conhecimentos, sendo um processo que permite examinar fenómenos de forma a obter respostas. De acordo com Serrano (2004, p.41), a investigação é definida como “ um processo sistemático, organizado e objetivo, cuja finalidade é dar resposta a uma questão”. Deste modo, no âmbito da Educação, a investigação pode não se limitar apenas à compreensão da natureza dos fenómenos mas, através de estratégias, procurar respostas para as necessidades observadas e/ou vivenciadas.

1. Natureza do estudo

Tendo em conta o objeto de estudo e as questões de pesquisa, a presente investigação é de natureza qualitativa e, no seu desenvolvimento, recorre a procedimentos de investigação-ação.

Na investigação qualitativa de cariz fenomenológico, a realidade é entendida segundo as perceções dos sujeitos. Os dados recolhidos, designados por qualitativos, são ricos em pormenores descritivos. As questões são formuladas com o objetivo de investigar a complexidade dos fenómenos no seu contexto natural. Neste tipo de investigação as estratégias mais recorrentes são a observação participante e a entrevista (Bogdan & Biklen, 1994), sendo a observação participante aquela que privilegiaremos neste estudo.

Segundo Coutinho (2005), a investigação-ação não se limita apenas à descrição da realidade mas é, também, caracterizada por uma prática interventiva. Na verdade, a investigação vai sendo desenvolvida à medida que a ação decorre, ou seja, é através da ação e da reflexão que se reconhecem as dificuldades do grupo, às quais, novamente através da reflexão e da ação, se vai tentar dar resposta.

2. Questão de pesquisa

Após a observação do grupo, aquando do início da PES, foi possível identificar os seguintes aspetos-chave:

- ❖ Muito interesse e gosto pela música.
- ❖ Gosto por ouvir histórias, mas fraca participação na sua exploração;
- ❖ Alguma renitência perante novas situações, ou materiais;
- ❖ Pouco à vontade perante os outros, em situação de jogo dramático;
- ❖ Dificuldades em demonstrar e gerir emoções.

Tendo em conta os pontos fracos e os pontos fortes que caracterizam o grupo, definiu-se a seguinte questão de pesquisa:

- ❖ Será possível promover a expressão espontânea das crianças deste grupo através da exploração de histórias sonorizadas?

3. Objetivo do estudo

Tendo em conta a questão de pesquisa, delineámos o seguinte objetivo para o presente estudo:

- ❖ Conhecer a influência da exploração de histórias sonorizadas no desenvolvimento da expressão espontânea das crianças do grupo.

4. Participantes do estudo

Participaram no estudo todas as crianças da sala onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada.

5. Procedimentos metodológicos

Atendendo ao objetivo da investigação e ao quadro teórico e metodológico que o sustenta as atividades com o grupo foram realizadas em quatro momentos, com objetivos específicos para cada um deles, como consta no ponto 5.1.

A recolha de dados foi realizada através de observação participante e registo áudio e vídeo.

As atividades foram postas em prática com o grupo, de acordo com a planificação.

Após cada atividade, e a partir da nossa percepção enquanto observadora participante e do visionamento do registo em vídeo, procedemos à anotação dos aspetos mais significativos, considerando os indicadores de avaliação previamente definidos na planificação.

De salientar que, de uma atividade para outra eram tidos em conta os aspetos observados, bem como e a reflexão que sobre os mesmos ia sendo feita.

5.1 Atividades desenvolvidas

a) Primeiro Momento/ 1ª atividade.

Data: 14 a 16 de novembro de 2016

Contextualização

A primeira história sonorizada foi contada ao grupo no dia 16 de novembro de 2016. A história intitulada “Pão com nozes” surgiu no âmbito do projeto que estava a ser desenvolvido pelo grupo: O ciclo do pão. Foi uma história criada e sonorizada especificamente para o presente estudo.

O grupo entrou na sala curioso mas bastante apreensivo.

Estratégia (s) de motivação: As crianças foram dispostas em semicírculo, de forma a facilitar a visualização. Os instrumentos musicais utilizados ao longo da história foram colocados no centro do semicírculo de forma a chamar a atenção para os mesmos e também como forma de serem facilmente utilizados durante a história. Para cada personagem foi utilizado um timbre de voz diferente como estratégia de motivação.

Ao contar a história recorremos a alguns instrumentos musicais, tais como, pau de chuva, piano, reco-reco e triângulo, mas, também utilizámos elementos naturais, nomeadamente, água, sementes e farinha, para sonorizar a história. Os instrumentos e os sons foram utilizados para acompanhar as músicas e os ritmos da história.

Objetivos	Atividades (O que as crianças fazem)	Indicadores de avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Explorar os sons e ritmos corporais; - Desenvolver o sentido rítmico; - Identificar sons que ouve; - Contactar e explorar instrumentos musicais; - Desenvolver competências de expressão e comunicação -Expressar livremente o que sente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração dos sons vocais com recurso à música “Bolinha de Sabão”; - Exploração de sons corporais com recurso ao ritmo “Palma, pé”; - Registo gráfico da atividade rítmica “Palma, pé” através da técnica de pintura das mãos e dos pés; - Jogo de exploração dos sons que nos rodeiam: O que estou a ouvir?; - Exploração livre de instrumentos musicais (tamborim, pau de chuva, triangulo, reco-reco e piano) - Dinamização da história: Pão com nozes 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação <ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Envolvimento - Competências <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes/ Sentimentos/ Predisposição • Conhecimentos/saberes

Notas para reflexão:

Neste primeiro momento, as crianças revelaram muito interesse em participar nas atividades de exploração dos sons vocais, exploração do sons corporais e no jogo de exploração dos sons que nos rodeiam. Apesar de revelarem alguma dificuldade em realizar alguns sons

vocais e a nível corporal, demonstraram ser persistentes na tentativa de executá-los. Todo o grupo revelou curiosidade em explorar os instrumentos, principalmente ao nível das intensidades dos sons que estes produzem. Relativamente à participação na história este foi o único momento que o grupo não participou nem interagiu. Durante a história o grupo permaneceu estático.

Relativamente à motivação, em todas as atividades o grupo revelou estar atento. Salientamos a sugestão feita pelo grupo no registo do ritmo “Palma, pé” que consistiu em representar o ritmo carimbando as partes do corpo que vão sendo cantadas.

No que diz respeito aos conhecimentos, achámos pertinente as comparações que as crianças tentaram estabelecer entre os sons dos instrumentos com objetos ou situações que conheciam, nomeadamente, a associação feita entre o som do pau de chuva e o som da chuva e o som do tamborim que lhes fez lembrar a selva.

Ao nível socioafetivo o grupo mostrou-se muito calmo e concentrado durante a atividade de exploração dos sons da boca. Durante a atividade “Palma, pé” revelou ficar mais agitado mas demonstrando, na mesma, concentração e atenção na atividade.

Nos momentos de exploração dos instrumentos houve uma maior interação entre o grupo. As crianças davam indicações umas às outras na forma como o outro poderia explorar o som do instrumento “toca com mais força”; “toca no meio”, “toca na ponta”. Estas indicações talvez revelem uma tentativa de continuidade de exploração auditiva do instrumento, mesmo não estando em contacto direto com o mesmo.

Relativamente ao momento da história, o grupo revelou poucas reações e estas surgiram, essencialmente, nos momentos em que foram usados os instrumentos musicais.

Inferências:

Apesar de ser um grupo que revela muito gosto por cantar e grande facilidade por captar a música e a letra, apenas o faz quando é solicitado. Esta situação leva-nos a inferir que talvez

seja necessário proporcionar às crianças oportunidades de escuta e liberdade para a exposição das suas ideias e opiniões.

Relativamente à postura das crianças, à medida que a história foi sendo contada algumas crianças começam a demonstrar sinais de cansaço em estar sentados. Presumimos, assim, que, a história “Pão com nozes” tornou-se um pouco extensa face às características deste grupo.

Quadro 5.1 – Primeiro momento/ 1ª atividade

b) Segundo Momento

Data: **5 a 7 de dezembro de 2016**

Contextualização

A segunda história sonorizada foi contada ao grupo no dia 6 de dezembro de 2016.

A história chamava-se “Uma ajuda com poucos centímetros” e, à semelhança da primeira história, foi redigida e sonorizada especificamente para o nosso estudo, tendo em conta as atividades que estavam a ser desenvolvidas pelo grupo (neste caso, o grupo estava a iniciar os preparativos para a época festiva do Natal).

As crianças entraram na sala de atividades curiosas e foram dispostas em semicírculo, tal como ocorreu no primeiro momento.

Durante esta história o grupo mostrou-se mais participativo e com uma disposição de descobrir o que estaria para acontecer. Revelou estar muito atento e pronto a participar.

Estratégia (s): O espaço foi escurecido evidenciando o brilho das luzes que foram utilizadas no momento da história. Os instrumentos que foram utilizados, durante a história, estavam expostos na frente do grupo. Para contar a história recorreu-se ao uso de fantoches que iam surgindo consoante a sua intervenção na história.

Objetivos	Atividades	Indicadores de avaliação
<p>- Reconhecer os sons de alguns instrumentos;</p> <p>- Escutar e apreciar os sons dos instrumentos;</p> <p>- Identificar a família a que o instrumento pertence;</p> <p>- Desenvolver o gosto pelas histórias sonorizadas;</p> <p>- Expressar livremente o que sente.</p>	<p>- Apresentação das famílias dos instrumentos (percussão; cordas; sopros) com recurso ao “prédio da música” (caixa de cartão dividida em três andares, de forma, a ajudar na compreensão das diferentes famílias de instrumentos);</p> <p>- Audição dos sons dos instrumentos de orquestra;</p> <p>- Jogo: De que instrumento é este som?</p> <p>- Jogo: Onde moras tu?</p> <p>- Exploração de instrumentos musicais (violino, acordeão e piano)</p> <p>-História “Uma ajuda com poucos centímetros” utilizando sons de diferentes instrumentos para cada personagem. (exemplo: sempre que aparece o coelho ouve-se o som da marimba)</p>	<p>- Motivação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Envolvimento <p>- Competências</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes/ Sentimentos/ Predisposição • Conhecimentos/saberes

Notas para reflexão:		
<p>No segundo momento, as crianças revelaram especial atenção por escutar os sons dos instrumentos, principalmente, o som dos instrumentos que fazem parte da família da percussão. Revelaram muito interesse em explorar os instrumentos musicais, no entanto, ao entenderem que existe alguma dificuldade em tocá-los e, em conseguir que estes emitam um som limpo, mostraram desinteresse em voltar a tocá-los e uma certa frustração. Um das crianças proferiu o seguinte comentário “<i>Este instrumento de certeza que está estragado.</i>” Esta afirmação foi feita após a criança ter explorado o instrumento musical e ao comparar o som que extraiu do instrumento com o som que lhe tinha sido apresentado, através de uma gravação audiovisual.</p> <p>Durante a história o grupo demonstrou uma maior atenção e desejo de participar, comparativamente com a história anterior. Não ficou num estado de espanto mas esperou encontrar momentos que lhes fossem conhecidos para participar demonstrando motivação.</p> <p>Durante os jogos “De que instrumento é este som?” e “Onde moras tu?” o grupo esteve muito atento. Relativamente aos sons dos instrumentos de sopro, acharam-nos muito semelhantes e difíceis de identificar. Ao escutarem todos os instrumentos de orquestra é visível a atenção e a concentração do grupo, algumas crianças fecharam os olhos e uma das crianças, baloiçou os braços ao som da música enquanto tinha os olhos fechados.</p> <p>Ao nível socioafetivo o grupo revelou tranquilidade ao escutar os sons da orquestra. Foi possível ouvir as gargalhadas que surgiram durante certos momentos da história, revelando prazer no momento da escuta. Achamos pertinente referir a desaprovação que é vista no grupo, através da expressão facial, quando uma das personagens é rejeitada pelas outras, revelando o valor da solidariedade que existe dentro do grupo.</p>		
Inferências:		

Por incentivarmos constantemente o grupo a participar nas atividades, dando-lhe espaço e liberdade para o fazer, o grupo tentou acompanhar a história e encontrar momentos para participar.

Através dos momentos em que proporcionamos ao grupo escutar os diferentes instrumentos, podemos constatar que já existe maior liberdade para se expressar através do corpo e dos movimentos, como foi o caso da criança que balançou os braços ao som da música que estavam a escutar.

Em todas as atividades feitas com o grupo incentivámos sempre a sua participação, tentando transmitir que as atividades não são apenas para eles mas são feitas por eles e com eles. O facto de serem envolvidos nas atividades leva a que o grupo, em vez de revelar cansaço por assistir, demostre interesse e desejo de participar.

Apesar de serem crianças que revelam dificuldade nos momentos de “grande grupo”, ao nível do respeito e por escutar o outro, verificou-se que são sensíveis aos sentimentos dos outros e perante as atitudes de rejeição. Talvez isto nos mostre que a dificuldade do grupo em se envolver ativamente nada tem a ver com os valores das crianças mas, possivelmente, com o facto de as crianças não estarem muito habituadas a momentos de conversa em que todo o grupo se envolva em atividades que apelem à sua participação ativa.

Quadro 5.2 – Segundo momento/2ª atividade

c) Terceiro Momento

Data: 12 a 14 de dezembro de 2016

Contextualização

No dia de 12 dezembro de 2106 o grupo deu continuidade à história “ A festa da Rena Miguel”.

A história começou por ser contada com o auxílio de um caderno que apenas continha o início da história. A certa altura, somente apareciam linhas e espaços por preencher. Na capa do caderno não aparecia qualquer indicação do nome da história, o que nos levou a refletir sobre o que colocar na capa. Após um momento de diálogo com o grupo chegámos à conclusão que seria o sítio ideal para colocar o título da história. Algumas crianças ao se depararem com a inconclusão da história não revelaram muito interesse por compreender a situação e apenas referiram que esta tinha acabado. Só após ser sugerido a criação de uma continuidade para a história é que todo o grupo se mostrou participativo.

Estratégia (s): Foram disponibilizados vários fantoches.

Objetivos	Atividades	Indicadores de avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Envolver-se nas tarefas/atividades; - Participar ativamente; - Desenvolver a criatividade; - Respeitar os outros, as suas ideias e opiniões; - Relacionar os objetos com as músicas; - Explorar diversos materiais e o som que produzem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinamização, em conjunto com o grupo, da história “<i>A festa da rena Miguel</i>” Materiais disponibilizados ao grupo: <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche rena; -Fantoche rato; - Ouriço; - Pinguim; - Urso; -Envelopes; - Floco de neve; - Caixa com bolinhos Construção de instrumentos musicais 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação <ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Envolvimento - Competências <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes/ Sentimentos/ Predisposição • Conhecimentos/saberes

	através de materiais recicláveis (copos de iogurte)	
--	---	--

Notas para reflexão:

Neste terceiro momento, foi apresentada, ao grupo, uma história que não estava concluída e era esperado que o grupo a concluísse da forma que desejasse. Ao deparar-se com a inconclusão da história, as crianças não demonstraram iniciativa para dar uma continuidade à mesma. Após lhe darmos esta sugestão, de desenvolver a história, o grupo inicialmente revelou-se motivado, no entanto, algumas crianças foram perdendo o interesse ao longo da atividade. Este desinteresse talvez tenha surgido pela pouca intervenção que estas crianças tiveram no desenvolvimento da história pois todos queriam falar ao mesmo tempo e por vezes acabavam por interromper as ideias uns dos outros.

Relativamente à construção dos instrumentos musicais, as crianças mostraram muito interesse na execução desta atividade, mostrando muita curiosidade por explorar os sons dos instrumentos produzidos por eles.

Durante a história, com algumas sugestões que fomos dando, o grupo cantou músicas que tinha aprendido e que estavam associadas às personagens. Como uma das personagens não tinha nenhuma música associada uma criança disse “*Eu sei uma!*”. A criança começou a inventar uma melodia repetindo apenas o nome do animal. Esta situação remete-nos para a relação que esta criança já estabeleceu com música, pois apesar de não ter havido grande desenvolvimento da melodia ou da letra houve uma tentativa de criar.

Durante a elaboração da história surgiram alguns conflitos no grupo. As crianças queriam falar todas ao mesmo tempo e acabavam por se “atropelar”. Quando alguma ideia era dada e, o grupo maioritariamente não aprovava, a criança que tinha dado a sugestão, revelava-se um pouco aborrecida com os restantes elementos do grupo. Devido aos conflitos e constantes intervenções o grupo revelou-se agitado.

Inferências:

A pouca iniciativa por dar continuidade à história pode levar-nos a refletir que esta situação pode estar relacionada com algo que fomos observando ao longo da PES, ou seja, a pouca participação que o grupo tem na resolução de situações do dia-a-dia e até na resolução de conflitos. Tal constatação leva-nos a reforçar a ideia da necessidade de investir numa dinâmica educativa que implique as crianças ativamente em todas as fases, desde o planeamento, à realização e avaliação/reflexão, de modo a contribuir para que se tornem mais participativas, ativas, tolerantes e resilientes.

Todo o trabalho já desenvolvido até aqui mostra-nos uma evolução no envolvimento do grupo ao nível da participação nas atividades, como é visível na atitude que a criança teve ao tentar criar uma música. Esta evolução faz-nos questionar acerca da importância que é dar espaço para ouvir a criança levando-a a acreditar que ela pode e tem liberdade para falar, opinar, decidir...

As crianças ainda revelam muita dificuldade nos momentos de “grande grupo” sendo este um ponto que necessita ser mais trabalhado no sentido de promover o respeito por todos, visto que saber estar em grande grupo também deve ser uma competência a desenvolver no pré-escolar.

Quadro 5.3 – Terceiro momento/ 3ª atividade**d) Quarto Momento**

Data: 16 de dezembro de 2016

Contextualização

O último e quarto momento foi realizado no dia 16 de dezembro de 2016. Teve como objetivo levar as crianças a construir uma história. Desta forma formados dois grupos, um grupo que iria preparar uma atividade e o grupo que iria assistir. As crianças foram convidadas, aleatoriamente, a integrarem um dos grupos. As doze crianças foram organizadas em três grupos, cada grupo com quatro elementos. A cada grupo foram dados

fantoches (alguns já conhecidos por parte do grupo outros não) e instrumentos (construídos numa atividade anterior). Os grupos foram divididos por três salas distintas, onde se organizaram de forma a construírem a história para depois apresentarem.

Estratégia (s): Foram disponibilizados alguns fantoches e instrumentos musicais. Os grupos tiveram a oportunidade de preparar a apresentação numa sala calma e silenciosa longe das restantes crianças.

Objetivos	Atividades	Indicadores de avaliação
<p>- Usar a música como forma de expressão;</p> <p>-Expressar-se livremente;</p> <p>- Dar sentido às atividades anteriormente desenvolvidas, relacionadas com a expressão musical.</p>	<p>Organização de três grupos com quatro elementos cada, escolhidos de forma aleatória;</p> <p>Criação de uma história por cada grupo.</p> <p><u>Materiais disponibilizados ao 1º grupo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Pinguim; - Fantoche girafa; - Coelho; - Instrumento: maraca. <p><u>Materiais disponibilizados ao 2º grupo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Urso; - Ouriço; - Fantoche monstro; 	<p>- Motivação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Envolvimento <p>- Competências</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atitudes/ Sentimentos/ Predisposição • Conhecimentos/saberes

	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumento de cordas. <p><u>Materiais disponibilizados ao 3º grupo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Castor; - Fantoche rato; - Pato; - Instrumento: maraca 	
--	--	--

Notas para reflexão:

A proposta foi apresentada aos três grupos estando estes reunidos na mesma sala. Foi pedido aos grupos que criassem uma história sonorizada onde poderiam utilizar fantoches para contar a história. De seguida foram apresentados diversos fantoches e cada criança podia escolher um deles. Depois de dadas as indicações não houve mais nenhuma orientação por parte do adulto.

Primeiro grupo:

Numa fase inicial o grupo estava curioso e interessado quanto ao que lhe era sugerido. Depois de cada elemento escolher o seu fantoche cada um começou a explorá-lo livremente e individualmente. Durante a apresentação da história o grupo tentou recriar momentos de outras histórias, que já conheciam e, por fim, acabou por desmotivar dizendo “*Nós não nos lembramos.*”

Na apresentação da história não houve articulação entre as personagens, os elementos do grupo não escutaram as ideias uns dos outros, acabando por não haver um sentido lógico na história apresentada.

Ao nível socioafetivo o grupo revelou um certo desconforto em se expor perante os outros, mostrando-se retraído. O grupo que esteve a assistir, inicialmente, fez algumas sugestões

de possíveis acontecimentos, no entanto, acabou por desmotivar e revelar um estado de saturação.

Segundo grupo:

O segundo grupo apresentou muita atenção durante a explicação da atividade. Depois de explorarem os fantoches, decidiram escolher uma música que tinha aprendido sobre o ouriço e apresentá-la. Apesar de lhes termos pedido que criassem uma história o grupo optou por apresentar a canção do “Ouriço PlocPloc”.

Durante a canção não houve interação entre os elementos do grupo. Nem todos os elementos mostraram o mesmo entusiasmo na apresentação.

O grupo que assistiu esteve muito atento, contudo, apesar de conhecerem a música, não cantaram.

Terceiro grupo:

O terceiro grupo mostrou muito interesse na realização da atividade. Apresentou uma história com sentido lógico conseguindo concluir a tarefa até ao fim.

Um dos elementos do grupo assumiu, constantemente, uma posição de liderança, no entanto, todos os elementos do grupo deram sugestões. Achámos pertinente a associação que o grupo fez relativamente ao instrumento musical e ao som da chuva. O grupo usou a maraca para representar o som da chuva.

Durante a apresentação, o grupo revelou-se calmo e bastante concentrado, recorrendo a vozes diferentes para representar as diferentes personagens, usando ainda um narrador.

O grupo que assistiu esteve sempre muito atento.

Inferências:

Constatamos que o primeiro grupo não criou algo de novo, mas tentou reproduzir momentos de outras histórias. Dever-se-á esta situação ao facto de os fantoches já terem sido explorados noutras histórias?

Ao segundo grupo foi pedido, tal como foi pedido aos restantes grupos, que criasse uma história. O grupo apresentou uma música que até pode ser contada como uma história pois tem um início um desenvolvimento e uma conclusão. Será que o grupo recorreu ao uso da música para se sentir mais seguro durante a apresentação da história? Terá usado a música como um refúgio por sentirem vergonha em falar perante os outros? Ou estavam a sonorizar a história?

Quadro 5.4 – Quarto momento/4ª atividade

A fim de melhor explicitarmos a nossa intencionalidade educativa nas atividades dinamizadas, sistematiza-se, no ponto seguinte, o roteiro das competências que se previam desenvolver.

5.2 Roteiro de competências por áreas de conteúdo

Durante as várias fases foram sendo explorados alguns conceitos e promovidas atitudes e comportamentos que são apresentados no quadro seguinte:

1ª Fase	Expressão e Comunicação	Subdomínio da música	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica sons do meio ambiente; • Canta canções; • Reproduz sequências rítmicas;
	Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"> • Identifica os ingredientes do pão; • Explica o processo de moagem do moinho de água.

	Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe ouvir 	
2ª Fase	Expressão e Comunicação	Subdomínio da música	<ul style="list-style-type: none"> • Comenta músicas que ouve; • Identifica Instrumentos convencionais e não convencionais
	Conhecimento do Mundo	_____	
	Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhece os sentimentos e emoções dos outros 	
3ª Fase	Expressão e Comunicação	Subdomínio da música	<ul style="list-style-type: none"> • Elabora improvisações musicais; • Utiliza diversos recursos sonoros.
	Conhecimento do Mundo	_____	
	Formação Pessoal e Social	_____	
4ª Fase	Expressão e Comunicação	Subdomínio da música	<ul style="list-style-type: none"> • Elabora improvisações musicais;

			Utiliza diversos recursos sonoros.
	Conhecimento do Mundo	_____	
	Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Revela confiança em experimentar atividades novas. • Participa espontaneamente. 	

Quadro 5.5 – Roteiro de competências

Capítulo 4. Análise e interpretação dos dados

Este capítulo diz respeito à análise e interpretação dos dados obtidos através dos procedimentos apresentados anteriormente

Segundo Gil (2008, p.156) “A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.”

A análise dos dados foi realizada a partir da observação dos registos vídeo e áudio realizados durante as atividades.

A interpretação dos dados terá o intuito de compreender se as atividades dinamizadas contribuíram, de alguma forma, para o desenvolvimento da expressividade espontânea do grupo, tal como era nosso objetivo para o estudo.

No quadro seguinte apresentamos os indicadores tidos em conta na observação/avaliação das atividades.

Indicadores	Motivação		Competências	
	Interesse	Envolvimento		Conhecimentos
Fases				

			Atitudes, sentimentos e predisposições	
1ª Fase /momento	Algumas crianças revelaram muita atenção e ficaram surpreendidas a todos os sons e movimentos outras, pareciam não estar a acompanhar a história.	O grupo revelou-se muito sossegado e pouco participativo. Participou na execução dos ritmos corporais apenas quando solicitado.	As crianças não interagiram entre si durante a história.	O grupo quando solicitado revelou saber executar os movimentos do ritmo que lhe foi apresentado. Ao longo da história revelou saber quais os ingredientes necessários para fazer o pão.
2ª Fase /momento	O grupo demonstrou estar sempre muito interessado, atento e curioso em relação ao que iria suceder. Houve um momento de silêncio perante o desfecho da história e, de seguida, sorrisos e gargalhadas	O grupo deu a sua opinião quanto ao conhecimento das músicas que reconheciam. Alguns acontecimentos, que ocorreram na história, e as diferentes vozes das personagens provocaram gargalhadas.	Ao longo da história são visíveis momentos de partilha de opiniões entre as crianças mas que, rapidamente, são repreendidas por um adulto (auxiliar), numa tentativa de silêncio absoluto.	Apesar de revelar conhecer o ritmo musical, só o executou depois de solicitado.

	por tudo ter terminado de forma feliz.	Durante as músicas, algumas crianças, balançaram o corpo.		
3ª Fase /momento	Numa fase inicial todos demonstraram interesse pela história, no momento que foram confrontados com a inconclusão da mesma, a maioria das crianças apenas ficou num estado de espanto sem demonstrar justificação ou solução para o acontecimento.	No início da história o grupo envolveu-se cantando as músicas que faziam parte da história. No momento em que foram solicitados para concluir a história apenas algumas crianças participaram, por vezes, várias crianças falavam ao mesmo tempo, interrompendo-se levando a que algumas desistissem de participar.	Algumas crianças ficaram um pouco aborrecidas por não conseguirem expressar as suas opiniões ou por estas não serem aceites pelo restante grupo. As restantes participaram e tentaram sempre dar a sua opinião.	Os fantoches que foram disponibilizados para ajudar a dar continuidade à história foram nomeados com os mesmos nomes que tinham sido nomeados em histórias anteriores. Na continuidade da história as crianças lembraram um dos ritmos, trabalhado anteriormente, e quiseram colocá-lo na história.
4ª Fase /momento	Quando a atividade foi apresentada aos grupos todos demonstram muito interesse	Os elementos do primeiro grupo não demonstraram envolvimento entre si. Cada criança	O primeiro grupo demonstrou alguma dificuldade em relacionar-se. As crianças	Em relação às personagens já conhecidas, o grupo limitou-se a utilizar os nomes que já conhecia,

	<p>na mesma, no entanto, o primeiro grupo ao deparar-se com a dificuldade de se organizar revelou algum desinteresse na mesma.</p>	<p>explorou o seu fantoche e criou para si uma história.</p> <p>As restantes crianças que estavam a assistir acabaram por se desinteressar pelo momento pois não conseguiam compreender o sentido da história apresentada.</p>	<p>demonstram atitudes egocêntricas ao aceitarem apenas as suas opiniões não ouvindo, nem aceitando as dos colegas.</p>	<p>perante a nova personagem, não lhe atribuiu um nome próprio mas utilizou o nome do animal que o fantoche representava, neste caso, a girafa.</p> <p>No que diz respeito à utilização do instrumento musical este foi utilizado como uma personagem, sendo nomeado de rena, e em nenhum momento foi utilizado para produzir som.</p>
	<p>O segundo grupo revelou interesse ao longo da atividade</p>	<p>No segundo grupo todos cantaram a música.</p>	<p>No segundo grupo nenhuma criança se quis sobrepor e, por isso, notou-se alguma insegurança.</p>	<p>O grupo apesar de demonstrar alguma dificuldade em acompanhar o ritmo utilizou o instrumento durante a música.</p>

	<p>O terceiro grupo foi o que maior interesse revelou em toda a atividade.</p> <p>Mostrou muita vontade de apresentar a sua história à educadora e aos restantes colegas.</p>	<p>No terceiro grupo foi visível o envolvimento de todos os elementos do grupo apesar de haver uma das crianças que tomou maior iniciativa na liderança da história, foi visível a participação de todos.</p>	<p>Neste grupo uma das crianças tomou visivelmente a liderança do grupo, no entanto, os restantes elementos também deram a sua opinião que por vezes era aceite ou refutada. Foi notório que houve diálogo entre os elementos do grupo e que conseguiram chegar a uma conclusão em que todos saíram satisfeitos.</p>	<p>O grupo utilizou o instrumento musical (maraca) para representar o som da chuva.</p> <p>Recorreu ao uso de vozes diferentes para representar as diferentes personagens.</p> <p>Recorreu ao uso de um narrador para dar início à história.</p>
--	---	---	--	--

Quadro 5.6 Indicadores de observação/avaliação

Como forma de compreender melhor o quadro apresentado anteriormente, apresentamos o quadro de síntese com os critérios definidos abaixo.

Síntese do quadro

Indicadores Fases	Motivação		Competências	
	Interesse	Envolvimento	Atitudes/ Sentimentos/ Predisposições	Conhecimentos/ Saberes

1ª fase	Elevado	Reduzido	Reduzido	Médio
2ª fase	Elevado	Médio	Médio	Médio
3ª fase	Elevado	Médio	Médio	Elevado
4ª fase	Elevado	Elevado	Elevado	Elevado

Quadro 5.7 Síntese do quadro de indicadores

Crítérios:

Nível reduzido: Quando não há evidências (não observado em nenhuma criança)

Nível Médio: Quando há algumas evidências (observado em algumas crianças)

Nível elevado: Quando há muitas evidências (observado em mais de 50% do grupo)

4.1 Síntese descritiva

Depois de serem apresentados os dados recolhidos e a sua análise interpretativa consideramos que seria pertinente fazer uma síntese descritiva, refletindo acerca dos dados que foram recolhidos, bem como, compreender melhor o fenómeno que nos propusemos a investigar.

Sendo o nosso principal objetivo conhecer a influência da exploração de histórias sonorizadas no desenvolvimento da expressão espontânea das crianças do grupo, foram preparados quatro momentos e, em cada momento, analisámos o envolvimento das crianças, o interesse pela atividade, a motivação, os conhecimentos revelados e as suas atitudes, sentimentos e predisposições perante as diferentes propostas.

À medida que as atividades foram sendo desenvolvidas é visível uma evolução no grupo ao nível do envolvimento, nas atividades. Numa fase inicial, as crianças eram apenas espectadores do que estava a acontecer, não participavam nem mostravam nenhuma reação, sendo difícil compreender se nos estavam a acompanhar. Com o tempo, fomos, através de diferentes estratégias, solicitando a sua participação e elas começaram a envolver-se, sendo

isto visível através das gargalhadas, do balançar o corpo ao som da música, “ (...) “ouvir” em movimento é absolutamente natural em crianças (...) contrariar a sua “corporalidade” espontânea é limitar o seu desenvolvimento musical” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 55) através das expressões faciais ao ouvir um determinado som e, das interrupções à história para acrescentar-lhe algo ou, para dizer como estavam a compreender aquele momento. Por vezes, as crianças ao ouvirem determinada sonoridade, lembravam-se de algo relacionado com o que estavam a ouvir a partilhavam-no, confirmando que “A música amplia a sonoridade das histórias, acentuando a ênfase e valoriza as nuances da interpretação” (Schunemann, 2010, p. 98). Tendo em conta que, numa primeira fase, as crianças não participavam na história, havendo apenas silêncio para não interromper o momento, ouvir o grupo, passado algum tempo após a nossa primeira intervenção, interpretar o que está a assistir revela uma grande evolução relativamente ao envolvimento.

Relativamente ao interesse, também verificámos uma evolução positiva por parte do grupo. Se no primeiro momento verificámos essencialmente uma expressão de espanto, no segundo, já é visível a expectativa do grupo quanto ao que vai acontecer. Ao entrarem na sala e, mesmo antes de começar a atividade, o grupo começou logo a comentar o cenário e a opinar em relação à história que iria ouvir. Se até aqui verificámos um aumento do interesse pelas atividades, numa terceira e quarta fase deparamo-nos com o desinteresse demonstrado por algumas crianças. O desinteresse, bem como a desmotivação, surgiram quando não nos limitámos apenas a contar a história mas convidamos o grupo a dar continuidade a uma história ou mesmo, como ocorreu na quarta fase, a criar uma história. Observando a terceira fase, através do registo vídeo/áudio, podemos verificar que as sugestões para a continuidade da história provêm quase sempre das mesmas crianças. Algumas crianças, apesar de convidadas a participar, não participaram e que, quando uma criança sugere algo que não é aceite pelo restante grupo, esta fica frustrada. No quarto momento também nos deparamos com a desmotivação por parte dos dois primeiros grupos, ao terem dificuldade em exprimir as suas ideias e em se organizarem para criar uma história.

Desta forma, parece-nos que, enquanto as atividades foram dirigidas por nós e era dado espaço para a participação do grupo, a maioria das crianças sentiu-se confiante e interessada mas, ao serem desafiadas a serem elas a fazerem desinteressaram-se e desmotivaram.

Refletindo sobre esta atitude julgamos que as crianças que assim agiram revelam falta de confiança em si próprias, não acreditam nas suas capacidades e no que são capazes. Deste modo, compreendemos o quão importante é o papel do educador no proporcionar, desde cedo, espaços de escuta, sem nunca reprimir mas deixando a criança ser. Ser ela própria sem medos e receios e, os momentos musicais, podem ser uma ferramenta fundamental para ajudar a criança a desinibir-se e a expressar-se de forma livre, pois, tal como defende Brito (2003, cit. por Suchunemann, 2010, p.16) “O importante na educação musical das crianças é o desenvolvimento do ser.”

Tal como o interesse, a motivação foi aumentando à medida que as atividades foram sendo desenvolvidas. No primeiro momento o grupo demonstrou algum cansaço, o qual pode ser justificado com o facto de o grupo não estar habituado a momentos como o apresentado, no entanto, há que lembrar que o grupo, durante a atividade, não se envolveu, e pouco participou no momento. Tendo em conta este aspeto, parece-nos que o cansaço surge pela falta de participação e envolvimento do grupo na atividade. Isto leva-nos a refletir acerca da importância do ler com as crianças e, não para as crianças, contar histórias com as crianças e não apenas para as crianças, pois para que existam aprendizagens com significado é necessário estar envolvido em todo o processo. Tal como defende Bettelheim (1984, cit. por Andrade, 2015, p.20) “Para que contar uma história à criança seja o mais eficaz possível, tem de ser uma coisa interpessoal, modelada pelos que tomam parte nisso”. Quem conta uma história deve levar aqueles que estão a ouvir a envolver-se no acontecimento, dando espaço para imaginar. O educador assume um papel privilegiado pois pode e deve contar histórias diariamente com as crianças, cativando e levando-as a se envolverem no momento, dando liberdade para imaginarem e criarem, assumindo um papel participativo.

Ao nível dos conhecimentos, apesar de nos momentos iniciais o grupo não participar esteve com atenção e, mais tarde, isso foi refletido pois demonstrou ter adquirido novos conhecimentos ao aplicá-los. Um exemplo disso foi o grupo identificar claramente os ingredientes necessários para confeccionar o pão, outro exemplo são os ritmos. O grupo apesar de estar apenas em observação, nos primeiros momentos, quando foi pedido que colaborasse conseguiu executá-los com alguma facilidade. No quarto momento, em que os grupos criaram as histórias, um dos grupos utilizou o instrumento, a maraca, para representar a

chuva, tal como tinha assistido numa história em que o instrumento pau de chuva representava o som da chuva. Este mesmo grupo utilizou também diferentes vozes para as diferentes personagens. Através do momento da apresentação da história do último grupo constatamos que algumas crianças começaram a demonstrar mais à vontade perante os outros para se expor e se expressarem, demonstrando os conhecimentos adquiridos.

Mais uma vez refletimos acerca do papel do educador como modelo para as crianças. O educador é um modelo quando canta, toca, e usa o corpo e a voz para se expressar, desta forma, estabelece uma relação de confiança para com a criança e transmite-lhe segurança para que ela própria possa imitar, explorar e mais tarde criar. “A relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e cooperação entre elas”. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 28). Se, de uma forma natural e contínua, forem proporcionados espaços em que exista liberdade para todos participarem e se envolverem, as crianças natural e espontaneamente ultrapassarão o medo de se expor perante os outros e ganharão confiança para partilhar as suas ideias.

Relativamente às relações socioafetivas verificou-se que o grupo, primeiramente, não interagiu. Numa fase posterior tentou interagir mas foi repreendido por parte de um adulto. Mais tarde, já se verificou interação entre as crianças, no entanto, sugeriram situações de conflito entre elas. Perante estes factos, parece-nos que o grupo não estaria habituado a trabalhar em momentos em que todos participassem, por isso, não sabia como agir. Momentos em “grande grupo” são fundamentais pois permitem desenvolver um trabalho em cooperação e estimular atitudes e valores de respeito para com o outro, promovendo o desenvolvimento da criança enquanto ser social. Tal como defende o Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de agosto, relativo ao perfil de desempenho profissional do educador de infância, o educador deve fomentar “a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo.”. Os momentos de “grande grupo” não devem ser momentos em que as crianças permanecem em silêncio para escutar o adulto, devem constituir momentos em que existe o envolvimento de todos.

Considerações finais

Este estudo teve como ponto de partida compreender se seria possível promover a expressão espontânea das crianças utilizando as histórias sonorizadas como estratégia. Sendo a música um subdomínio da área da expressão e comunicação começamos por definir o quão importante é esta área no desenvolvimento harmonioso da criança e, posteriormente, aprofundar a temática da música e das histórias. Tendo em conta os objetivos definidos para este estudo, as questões de pesquisa que nos orientaram na sua realização e terminada a análise interpretativa dos dados obtidos, é chegada a altura de esboçarmos algumas considerações finais:

Resultados do estudo

A reflexão que temos vindo a fazer, sobre os dados do estudo em articulação com o quadro teórico que o suporta, leva-nos a crer que as histórias sonorizadas são uma estratégia adequada para a promoção da expressão espontânea, pois, proporcionam um espaço, não somente para o grupo participar, mas para se envolver e se expressar livremente. Estes momentos só são possíveis quando existe a preparação do ambiente educativo. Nesse sentido, é importante que o educador se preocupe com a organização do grupo, do espaço e do tempo. “Esta organização constitui o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 24). É também fundamental que exista um trabalho de equipa, onde todos os intervenientes educativos trabalhem em conjunto e em sintonia, visando práticas pedagógicas coerentes.

No que diz respeito à motivação das crianças, esta sempre foi elevada. O grupo revelou-se sempre motivado perante as propostas de atividades apresentadas, no entanto, ao nível do envolvimento, verificou-se uma progressão gradual nas diferentes fases. Sendo que na primeira fase o grupo não se envolveu e na última fase considerámos que mais de metade das crianças envolveu-se na atividade. A mesma progressão ocorreu ao nível das competências,

quer na área das atitudes/sentimentos e predisposição, quer na área dos conhecimentos/saberes.

Em síntese, a expressão espontânea pode ser promovida quando o educador observa o grupo e, com base nos seus interesses e necessidades, encontra estratégias de motivação adequadas, prepara todo o ambiente educativo e, proporciona momentos prazerosos de forma a que a criança se sinta livre para se expressar.

Limitações do estudo

Durante a realização deste estudo deparei-me com alguns fatores que limitaram a sua realização.

Tendo em conta que o estudo foi elaborado no decorrer da PES, o tempo para o realizar foi um pouco limitado, acredito que as conclusões poderiam ser ainda mais evidentes se houvesse mais tempo para dar continuidade ao trabalho.

Durante as atividades desenvolvidas, a intervenção do adulto (auxiliar de ação educativa) condicionaram o desempenho das crianças nas atividades, uma vez que quando tentavam participar eram rapidamente alertadas para que houvesse silêncio durante a atividade. Teria sido importante discutir o assunto com a pessoa em causa e, desta forma, preparar melhor o ambiente educativo. Talvez a minha inexperiência e o pouco à vontade, perante uma pessoa mais velha me tenham levado a não agir perante a situação, facto que condicionou o estudo.

Assim sendo, mesmo deparando-nos com algumas limitações, foi possível realizar este trabalho de uma forma aprazível e fluida, relacionando cada momento.

Contribuições a nível do conhecimento profissional e pessoal

Fazendo uma retrospeção, sobre todo o percurso até ao momento, considero que, cada vez mais, compreendo o quão importante é que o educador reflita constantemente acerca do seu papel e de toda a sua intervenção. Tudo deve estar repleto de intencionalidade educativa, pensando sempre nas crianças e no seu desenvolvimento numa perspetiva holística. Este trabalho permitiu-me reconhecer, mais uma vez, a importância do papel do educador, das

estratégias de motivação e da organização do ambiente educativo no desenvolvimento global e harmonioso das crianças.

A nível pessoal, este trabalho levou-me a agir, sem tantos receios, na minha prática educativa, pois levou-me a refletir e compreender a importância do papel do educador ao nível da intervenção educativa.

Referências Bibliográficas

- Andrade, R. (2015). *A importância do contador de histórias para o desenvolvimento afetivo das crianças numa sala de três anos*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Augusto, A. (2014). *Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência*. Obtido em 10 de janeiro de 2017, de Forum Sociológico: <http://sociologico.revues.org/1073> ; DOI : 10.4000/sociologico.1073
- Bergmann, L. M., & Torres, M. C. (2009). Vamos cantar histórias? *Conjetura: Filosofia e Educação*, 187-201.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria dos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Campos, C. J. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 93-108. Obtido de Revista Portuguesa de Psicossomática.
- Carvalho, M. (2011). *O Bebê Imaginário, as Memórias dos Cuidados Parentais e as representações sonoro-musicais na gravidez no estudo da representação da vinculação materna pré-natal e da orientação para a maternidade*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Costa, A., & Melo, S. (1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, 455-479.
- Formosinho, J. O., & Lino, D. M. (setembro/fevereiro de 2008/2009). Os papéis das educadoras: As perspectivas das crianças. *Pesquisas com crianças e infâncias: Tendências e desafios contemporâneos*, pp. 9-29.
- Fortim, M. F. (1996). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociências.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical - Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.
- Gordon, E. (2008). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Luciano, A. V. (2014). *O contador de histórias: das representações literárias ao contexto educativo atual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Marques, R. (2002). *A Pedagogia de Jerome Bruner*. Obtido de Escola Superior de Educação IPSantarém:
http://www.eses.pt/usr/Ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20de%20JeromeBruner.pdf
- Pereira, A. (2011). *Relação Entre Motivação e Desempenho Escolar*. Coimbra: Instituto Superior Manuel Torga.
- Reys, M. (2011). Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. *Revista na educação básica*, v3, 68-83.
- Rodrigues, H. (2003). *BebéBabá - Da musicalidade dos afetos à música com bebés*. Lisboa: Campo das Letras.
- Schunemann, A. (2010). *Música e Histórias Infantis: O engajamento da criança de 0 a 4 anos nas aulas de música*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Stefene, L., & Weber, V. (2013). Histórias sonorizadas na educação infantil: o trabalho de pedagogos da rede municipal de ensino de Santa Maria. *XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*, (pp. 1192-1200). Pirenópolis.
- Werley, K. (2011). *Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas pedagógicas*. Musica na Educação Básica.

Anexos

Anexo 1 História sonorizada: Pão com nozes

Num dia cinzento de outono, Marianita estava em casa da tia Alzira aborrecida sem saber como se ocupar. Não podia ir para a rua, pois lá fora começava a pingar.

(Pau de chuva)

Sentada no sofá observava com atenção a estante cheia de livros da tia Alzira e do tio João.

A tia Alzira, em tempos, era uma senhora muito alegre mas já há alguns anos que ninguém lhe vê um sorriso, passa a vida a resmungar. Marianita nunca a viu sorrir.

Enquanto observava os livros houve um que lhe despertou a atenção. (piano) Tinha uma capa castanha e umas letras amarelas. Marianita não sabia o que diziam aquelas letras.

Marianita: Tia Alzira, o que diz aqui?

Tia Alzira: Mas quem te manda desarrumar os livros. Ai...Ai... Aí diz receitas de pão.

Marianita: Receitas de pão? (piano)

Tia Alzira: Sim, isso é um livro que tem várias receitas de como fazer diferentes tipos de pão...pão de milho, trigo, centeio, aveia.... Ai mas que tanta conversa que já vai para aqui. Isso agora não interessa nada... arruma o livro na estante.

Marianita: Trigo? O pai no outro dia esteve a plantar trigo. Não sabia que o pão podia ser feito de trigo. Eu gostava tanto de fazer pão! Tu sabes fazer tia? (tambor)

Tia Alzira: Ora, claro que sei fazer, fui pasteleira tantos anos achas que não sei? Mas agora, chega dessa conversa Marianita!

A tia Alzira sentou-se ao canto do sofá levantou o som da televisão demonstrando que não queria ser incomodada mais com aquela conversa do pão! (piano)

A Marianita agarrou no livro e foi, sorrateiramente, para a cozinha. (piano) Foi buscar um alguidar e colocou-o em cima da mesa. Depois foi ao armário para ir buscar nozes. (reco-reco) Entretanto a tia Alzira ouviu barulho na cozinha e veio ver o que se passava.

Tia Alzira: Mas o que estás a fazer Marianita?

Marianita: Vou fazer um pão de nozes! (piano)

Tia Alzira: Pão de nozes? Mas que ideia! (piano) Achas que vai ficar bom?

Marianita: Achas que não tia?

Tia Alzira: Eu acho que...

Música: Ficaria bem melhor

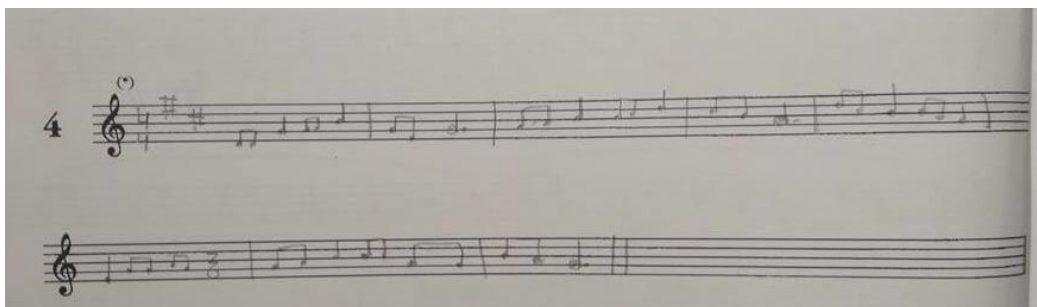


Imagem 1 Música: Ficaria bem melhor

Letra: Ficaria bem melhor com farinha, ficaria bem melhor com farinha, ficaria bem melhor com muito saborzinho, ficaria bem melhor com farinha

A tia Alzira pensou vou, não vou, vou, não, vou (Ritmo corporal) e foi buscar a farinha.

A Marianita pegou na farinha, colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Marianita: O que colocamos mais?

Tia Alzira: Eu acho que...

Música: Ficaria bem melhor

“ Ficaria bem melhor com sal, ficaria bem melhor com sal, ficaria bem melhor com muito saborzinho, ficaria bem melhor com sal.”

A tia Alzira pensou vou, não vou, vou, não, vou (ritmo corporal) e foi buscar o sal.

A Marianita pegou no sal, colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Tia Alzira: Hum.... Já cheira bem...Mas eu acho que...

Música: Ficaria bem melhor

“Ficaria bem melhor com água, ficaria bem melhor com água, ficaria bem melhor com muito saborzinho, ficaria bem melhor com água.”

A tia Alzira pensou vou, não vou, vou, não, vou (ritmo corporal) e foi buscar o jarro com a água.

A Marianita pegou no jarro de água, colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Marianita: Está a ficar tão bom o pão, tia!

Tia Alzira: Mesmo assim acho que...

Música: Ficaria bem melhor

“Ficaria bem melhor com manteiga, ficaria bem melhor com manteiga, ficaria bem melhor com muito saborzinho, ficaria bem melhor com manteiga”

A tia Alzira depois de ter dito pensou vou, não vou, vou, não, vou (ritmo corporal) e foi busca a manteiga.

A Marianita pegou na manteiga colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Marianita: Está pronto!

Tia Alzira: Não está nada rapariga! Então e como vai o pão crescer sem fermento? Eu acho que...

Música: Ficaria bem melhor

“ Ficaria bem melhor com fermento, ficaria bem melhor com fermento, ficaria bem melhor com muito saborzinho, ficaria bem melhor com fermento”

A tia Alzira pensou que talvez mais devia ter ficado calada pois agora estava na dúvida vou, não vou, vou, não, vou e acabou por ir foi buscar o fermento.

A Marianita pegou no fermento colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Marianita: Uau! Está pronto o nosso pão!

Tia Alzira: Podia estar mas eu acho que...

Música: Ficaria bem melhor

“Ficaria bem melhor com nozes, ficaria bem melhor com nozes, o pão é muito bom, tem muito saborzinho, ficaria bem melhor com nozes”

Desta vez a tia Alzira nem pensou duas vezes foi depressa buscar as nozes.

Marianita: Boa tia Alzira, eu gosto tanto de nozes! (piano)

A Marianita pegou nas nozes colocou, mexeu e remexeu, mexeu e remexeu.

Tia Alzira: Agora só precisa ir ao forno!

(Tempo de espera e som) (triângulo)

A tia Alzira tirou o pão do forno,quentinho, fofinho e tão cheiroso! Partiu duas fatias, deu uma à Marianita e comeu a outra.

Música: A tia Alzira era tão rabugenta

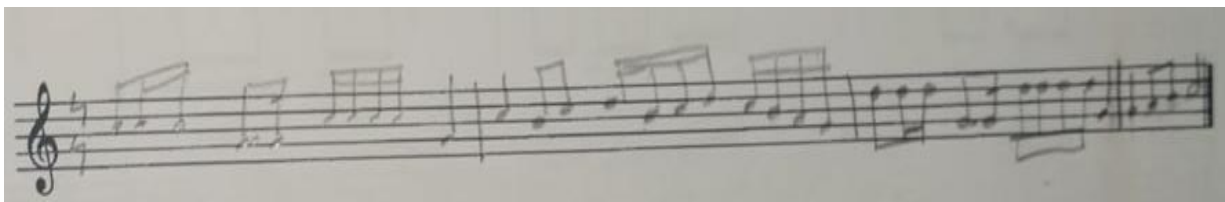


Imagem 2 Música: A tia Alzira era tão rabugenta

**Letra: A tia Alzira que era tão rabugenta ficou tão fofa como aquela fatia de pão!
Depois de comer deu um sorriso de enorme satisfação! (piano)**

Anexo 2 História sonorizada: Uma ajuda com poucos centímetros

Era quase dia de Natal e os animais da vila Troliró andavam todos muito atarefados nos preparativos para a noite de Natal.

Todos os anos os habitantes da vila Troliró decoram as ruas com muito enfeites e luzes. Na noite de Natal juntam-se todos à volta da grande árvore decorada, que fica no centro da vila, e cantam canções.

Música/ Adaptação da música: “Santa Claus is coming to town”



Imagem 3 Música: O Natal chegou

O Letra: Natal chegou / É tempo de dar / Tempo de amor/ E de partilhar/ A alegria paira no ar.

Este ano, para que nada faltasse, na noite de natal, os animais decidiram fazer uma reunião para distribuir as tarefas. Na reunião, foi decidido que os patos (oboé) ficariam responsáveis por prepara o jantar e os docinhos para a noite de consoada. Os castores (fagote) ficaram com a responsabilidade de montar as mesas para colocar os alimentos, o urso (tuba) por montar as luzes, os coelhos (marimba) por decorar a grande árvore de natal e os pinguins (saxofone) por treinar as músicas para cantar na noite. No fim da reunião, um dos patos perguntou se todos estavam contentes com as suas tarefas, foi então que se ouviu uma voz pequenina no fundo da sala.

(violino) Rato Jeremias: E eu? E eu? Não tenho uma tarefa? No que é que eu posso ajudar?

Era o rato Jeremias, um ratinho pequenino castanho mas muito trapalhão.

(oboé) Pato: Oh Jeremias! Então tu queres ajudar? O que gostavas de fazer?

(violino) Rato Jeremias: Eu podia ajudar o urso a montarem as luzes.

(tuba) Urso: (Dá uma gargalhada) Tu? Se bem me lembro o ano passado as luzes que montaste não deram luz nenhuma! Tu não sabes montar luzes! Não, não ajudares-me é que não!(Ritmado com sons corporais)

(violino) Rato Jeremias: Oh... então posso ajudar a fazer os docinhos com os patos.

(oboé) Pato: Jeremias tu não resistes a um docinho. Se tu ajudasses não sobraria nem um bolo para a noite de natal. Não, não ajudares-me é que não!(Ritmado com sons corporais)

(violino) Rato Jeremias: E que se eu cantar no coro dos pinguins?

(saxofone) Pinguim: Tu nem sabes cantar Jeremias! É melhor não estragares as músicas. Não, não ajudares-me é que não! (Ritmado com sons corporais)

(Os vários instrumentos) Todos os animais começaram a falar, havia uma grande confusão na sala. Ninguém queria que o Jeremias ajudasse pois ele era um ratinho muito trapalhão a fazer o que é que fosse.

(oboé) Pato: Jeremias, visto que ninguém está a precisar da tua ajuda ficas á espera que alguém te chame quando precisarem.

A reunião terminou e o (violino) ratinho Jeremias voltou para a sua casa muito triste por ninguém querer a sua ajuda.

Os dias foram passando e o dia de natal chegou.

A manhã estava fria, tinha nevado toda a noite. Jeremias via da janela, da sua casa, a vila toda enfeitada, estava linda! Conseguia ouvir os últimos ajustes que os pinguins davam nas músicas de natal.

Música/ Adaptação da música: “Noite feliz”

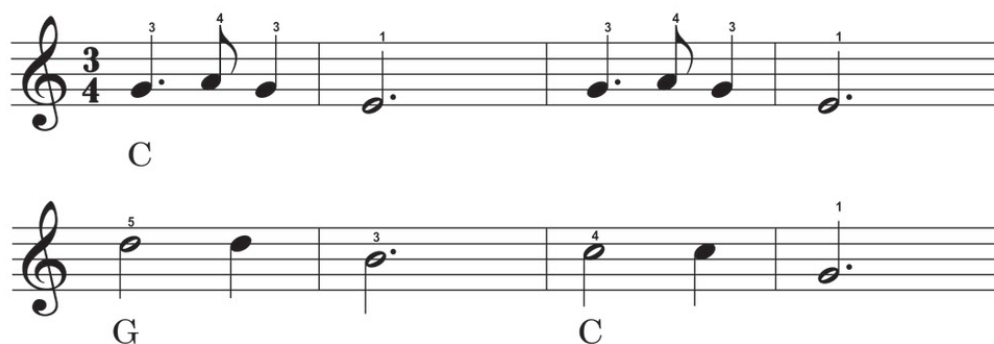


Imagem 4 Música Noite feliz

Letra: Noite feliz/ Noite de amor/ Vamos todos dar as mãos/ E cantar uma canção.

Ninguém chegou a pedir ajuda ao Jeremia naqueles dias. Mas hoje era um dia de festejar e, por isso, o Jeremias não ia nisso pensar.

Ao fim da tarde os animais foram chegando para todos juntos festejar.

(Oboé) Os patos a comida trouxeram,

E os (fagote) castores logo quiseram provar.

O (tuba) urso e os (marimba) coelhos nas cadeiras se sentaram.

Para os (saxofone) pinguins escutar.

Música/ Adaptação da música “Santa Claus is coming to town”

O Natal chegou / É tempo de dar / Tempo de amor/ E de partilhar/ A alegria paira no ar

Quando terminaram de cantar era horas de ligar as luzes da grande árvore. Todos esperavam ansiosos para ver a árvore toda iluminada. De repente um pinguim exclamou:

(saxofone) Pinguim: Mas a árvore não tem a estrela no topo!

(marimba) Coelhos: Oh não! Esquecemo-nos da estrela!

(tuba) Urso: Tive uma ideia! Se subirem para as minhas costas talvez a estrela consigamos colocar.

Os coelhos subiram (som de escala cromática), mas ainda faltava muito para chegar ao topo da árvore. Chamaram então os pinguins.

Coelhos: Não conseguimos chegar mas se subirem para as nossas costas talvez a estrela consigamos colocar.

Os pinguins subiram (som de escala cromática), mas ainda faltava muito para chegar ao topo da árvore. Chamaram então os patos.

Pinguins: Não conseguimos chegar mas se subirem para as mossas costas talvez a estrela consigamos colocar.

Os patos subiram (som de escala cromática), mas a árvore era tão alta que ainda faltava um pouco para alcançar o topo da árvore. Chamaram então os castores.

Patos: Não conseguimos chegar mas se subirem para as mossas costas talvez a estrela consigamos colocar.

Os castores subiram (som de escala cromática), e...não! Não conseguiam ainda chegar ao topo, faltavam apenas alguns centímetros para conseguirem colocar a estrela.

Neste momento, Jeremias estava a chegar à festa, atrasado mas na hora certa!

Jeremias: Mas que jogo é este que estão a fazer?

Urso: Não é um jogo, estamos a tentar chegar ao topo da árvore para colocar a estrela. Mas mesmo assim não estamos a conseguir chegar. Faltam apenas alguns centímetros será que nos podes ajudar?

Jeremias: Querem a minha ajuda?

Todos os animais disseram em coro: Sim, sim ajudar-nos é que sim!

Jeremias trepou por cima do urso, dos coelhos, dos pinguins, dos patos e dos castores e colocou a estrela no topo da árvore! (Som de escala cromática/ som do triângulo)

Anexo 3 A festa da Rena Miguel



Era uma vez uma rena chamada Miguel.

“Miguel era uma rena com o nariz encarnado

Que brilhava no escuro e eram mesmo engraçado.

Mas todas as outras renas se riam daquele nariz

E o pobre do Miguel andava muito infeliz.

Mas numa noite de nevoeiro o pai Natal veio dizer:

Miguel, tu és perfeito

Para nos conduzir esta noite a preceito.

O Miguel vivia numa terra que se chamava
Terra do Pai Natal.

Era quase Natal e lá fora nevava e fazia muito frio. Estavam a cair os primeiros flocos de neve.

Floco de neve, floco de neve

Pequeno floco, pequeno floco de neve

Desce do céu

Desce, desce, desce, desce, desce, desce

Desce. Desce, desce.

Cai na minha mão"

Certo dia o Miguel decidiu fazer uma festa.
Para a festa precisava de balões, bolo,
doces e prendas.



O Miguel convidou quatro amigos para a sua festa. Por isso, enviou um convite para o urso.

Música do urso:

"Se queres ir à floresta escura
vais ficar admirado.

Se queres ir à floresta aconselho-te
a ir mascarado.

Porque todos os ursos que lá viveram
foram parar ao mesmo lugar
Porque hoje é o dia do piquenique
dos ursos."

NATTE



Gabriel



O segundo convite foi para o pinguim.



O terceiro convite foi para o ouriço.

Música do Ouriço:

O ouriço ploc, ploc
Na cabeça me caiu
Deu um grande trambolhão
E uma castanha saiu.

Com o sal ela estala
E assadinhas com jeito
Como uma, duas, três
Fico logo satisfeito."



O quarto convite foi para o ratinho Jeremias.



Ambleg

No dia da festa o urso pensou:

"Vou, não vou, vou, não vou, vou, vou!"

Bateu à porta da rena Miguel.

Rena: Quem é?

Urso: Sou eu, o urso. Vim para a festa.

Rena: Entra e senta-te. Fiz uns bolinhos deliciosos!

ANTONIOS



O pinguim pensou...

FI!

"Vou, não vou, vou, não vou, vou, vou!"

Bateu à porta da rena Miguel.

Rena: Quem é?

Pinguim: Sou o pinguim. Vim para a festa.

Rena: Entra e senta-te. Fiz uns bolinhos deliciosos.



F I I I I I E

O ouriço pensou...

"Vou, não vou, vou, não vou, vou, vou!"

Bateu à porta da rena Miguel.

Rena: Quem é?

Ouriço: Sou eu, o ouriço. Vim para a festa.

Rena: Entra e senta-te. Fiz uns bolinhos deliciosos.



O ratinho Jeremias pensou...

"Vou, não vou, vou, não vou, vou, vou!"

Bateu à porta da rena Miguel.

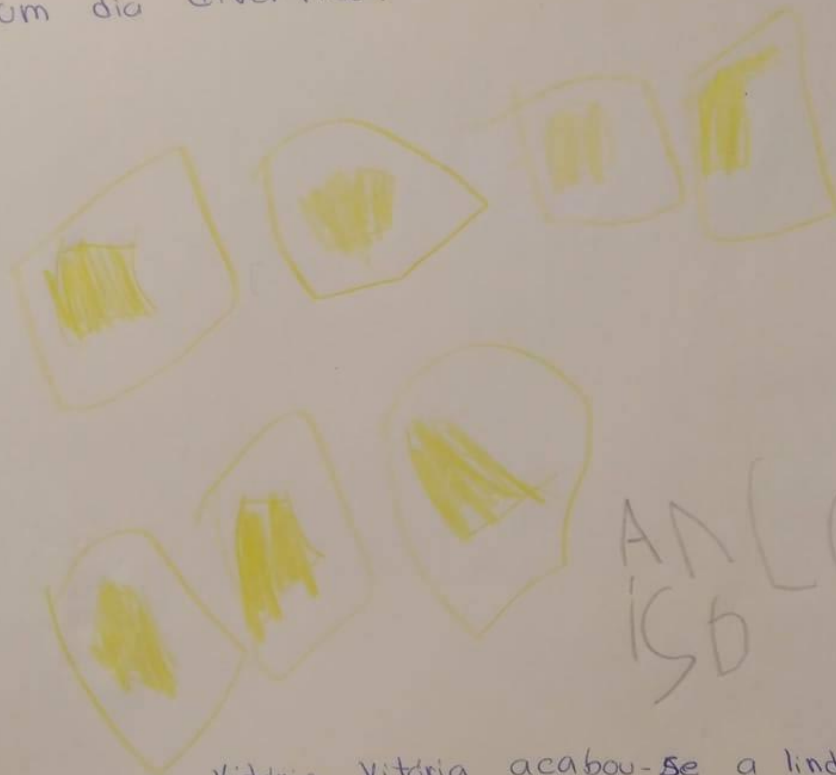
Rena: Quem é?

Ratinho: Sou eu, o ratinho Jeremias. Vim para a festa.

Rena: Entra e senta-te. Fiz uns bolinhos deliciosos.



Miguel e os seus amigos fizeram uma grande festa e comeram os bolinhos todos. Foi um dia divertido!



Vitória, vitória acabou-se a linda história...